

EDUCAÇÃO: UM SUBSTANTIVO FEMININO QUE NÃO TEM COR E NEM SEXO¹

Tháís da Silva Mendonça; Lucélia de Moraes Braga Bassalo

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Pará,
smendonca.thais@gmail.com; *Professora Adjunto do Departamento de Filosofia e Ciências Sociais*
e do Programa de Pós-Graduação em Educação – Universidade do Estado do Pará,
lbassalo@uol.com.br

Resumo

O presente resumo resulta de uma pesquisa com abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso e técnica de entrevista narrativa. Realizada em uma instituição pública de ensino superior da cidade de Belém, apresenta uma discussão teórica baseada em autores como Bauer e Jovchelovitch (2002), Domingues (2005), Freire (2000), Gomes (1996), Louro (2007), Scott (1999). A pesquisa em questão abordou três variáveis: gênero, educação e negritude para a análise dos dados obtidos. Os sujeitos da pesquisa, foram três professoras universitárias autodeclaradas negras, na faixa etária de 30 à 65 anos, com mais de uma década de docência no Ensino Superior. Estabeleceu-se como objetivo geral delinear o olhar sobre ser mulher e ser negra no âmbito profissional e pessoal, especificamente discutindo racismo e sexismo e, identificando particularidades e aspectos comuns. Através do registro de suas falas se fez possível um debate sobre a mulher negra na universidade e diversas outras temáticas.

Palavras-Chave: Raça. Gênero. Educação. Professoras Universitárias Negras.

Palavras Iniciais

Historicamente marginalizada, comumente silenciada e rotineiramente invisibilizada. Essas e inúmeras outras condições são impostas à mulher negra e falar desse sujeito na contemporaneidade é ir além do mero estereótipo que condiciona e a reduz a mera coadjuvante do processo de escrita da história, seja ela pessoal ou coletiva. Por não ser detentora dos padrões eurocêntricos de beleza, inúmeras vezes foi secundarizada em diversos debates indispensáveis para a vida humana em sociedade. Sofre duplo preconceito, o sexismo e o racismo. Primeiro por ser mulher e em seguida por ser negra. Está sujeita a opressões por parte de todos os setores sociais.

As mulheres constituem a maior parte da população do Brasil, conforme uma projeção oficial do site do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em que o percentual chega a 50,62% do total no ano de 2015. Por isso, estudar representantes de tal grupo pode ir muito além de conhecer apenas números, possibilitando o conhecimento acerca de um grupo quantitativamente majoritário e historicamente silenciado e invisibilizado.

O estudo teve uma abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso. Os dados foram coletados através da técnica da entrevista narrativa. Foi realizado em uma instituição pública de ensino superior da cidade de Belém, no Estado do Pará. Os sujeitos da pesquisa, foram professoras

¹ Artigo resultante de uma pesquisa de Conclusão de Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. (83) 3322.3222

autodeclaradas negras, na faixa etária de 30 à 65 anos, como informantes centrais da pesquisa e atuam no Ensino Superior há mais de uma década, 15, 11 e 23 anos.

Utilizando essa técnica seguindo Bauer e Jovchelovitch (2002) em que o informante seja estimulado, através de temas geradores, a falar de maneira mais livre sobre determinado acontecimento, ultrapassando o esquema pergunta-resposta inúmeras vezes utilizado nas outras técnicas de entrevista. Por isso, a quantidade de informações angariadas na fase das entrevistas foi de expressiva quantidade.

E para a análise, utilizarei os pseudônimos de “lindinha”, “docinho” e “florzinha”, as quais remetem à personagens de um desenho animado chamado “as meninas super poderosas” que marcou minha infância. Nele, três garotinhas foram criadas a partir da junção de açúcar, tempero, elemento “X” e tudo que há de bom, são extremamente fortes, lutam contra as forças do mal e possuem superpoderes incríveis, como voar, força sobrenatural super velocidade, invulnerabilidade, visão de raio-x, super sentidos, visão de calor e projeção de energia. Lindinha é o açúcar da mistura, a caçula e a mais meiga, inocente, observadora e doce de todas, docinho é o tempero, a mais corajosa, lutadora e agressiva, já florzinha é tudo que há de bom, a líder do grupo, determinada, batalhadora e metódica. Tais características se assemelham com as das professoras participantes, doçura, coragem e liderança.

Eu, tu, eles: Uma Conversa com autores e informantes

O Brasil é um país multicultural e altamente miscigenado o qual, infelizmente, possui uma discriminação racial, sexista e social enraizada no pensamento popular. Entretanto, facilmente encontramos nos dias atuais, o chamado “racismo velado”, aquele oculto no discurso de que a sociedade brasileira não é discriminante, “o Brasil é o país da segregação racial não declarada. Todos os indicadores sociais ilustram números carregados com a cor do racismo” (DOMINGUES, 2005, p. 165). Sobre isso, a informante Florzinha diz que

o racismo velado a gente encontra toda hora, impossível uma pessoa negra dizer que nunca foi discriminada, impossível isso. Bem, o velado, ele é pior. Ele é pior, porque é uma coisa muito sutil, as pessoas demonstram o racismo, a gente que tá acostumado a lidar com esse tipo de coisa, a gente percebe nas minúcias, não precisa ser, como a gente diz... escancarado, é num olhar, num sorriso.

Docinho discorre sobre o tema:

(83) 3322.3222

contato@fipedbrasil.com.br

www.fipedbrasil.com.br

Um racismo dissimulado, até nas relações de trabalho, Thaís, as pessoas te toleram, mas não te acolhem de coração, existe a piada sim, principalmente se você se destaca mais que uma pessoa branca, ela procura te ofender naquilo que socialmente é discriminatório que é na tua cor, tua cor de pele, e se não for na cor de pele é em algum defeito que você tenha, faz, torna isso pejorativo [...] é velado, é uma arma apontada na tua cabeça, tu não sabe da onde vem, e ela vem dos lugares menos esperados.

Lindinha também coloca seu ponto de vista

quando a gente pensa “velado” a gente pensa em algo escondido, algo encoberto, algo que eu não quero que você veja, porque na sociedade que nós vivemos hoje, isso já tá bem difundido, a questão da importância de você não discriminar o outro por sexo, por raça, por etnia, por religião, por princípios, por valores, por qualquer coisa e isso tá muito difundido na nossa sociedade, só que não significa que as pessoas ainda não tenham dentro de si isso.

Estudar a mulher negra em suas diversas singularidades é aspirar uma sociedade que abandone a concepção retrógrada e hierarquizante que condiciona os seus indivíduos a uma constante e predatória discriminação. Distinção que é realizada segundo padrões opressores de uma minoria dominante. Para que se pense em um país livre de estigmas como o sexual e o racial, é preciso que se conheça a realidade para só então almejar transformá-la. É importante destacar que com o presente relatório de pesquisa não visei criar generalizações, pois cada sujeito é único e detentor de particularidades que o reconhecem enquanto sujeito sócio-construtor. E sim, partindo do pensamento de Scott (1999) de que é no reconhecimento da diferença, seja ela de qual nível for, é que o indivíduo tem a possibilidade escolher se a considera ou não.

a grande dificuldade está em que as pessoas não se respeitam, não se fazem respeitar e isso aí independe também da questão de sexo, da questão de gênero, e da questão de cor, não depende disso, o importante é a gente ter uma postura adequada no que eu digo, mas é uma postura que seja condizente com o cargo que você tem, com base na moralidade, independente da orientação de cor, de raça, essas coisas assim. (Florzinha)

Uma estigmatização da docência como sendo uma profissão feminina é histórica. Ser professora é familiarizar o aluno com o processo de formação e de aquisição de conhecimento, proporcionando uma espécie de extensão da casa, na escola. Adocicar o ensino e a aprendizagem através da humanização que se supõe ser presente em nas mulheres. De acordo com Louro (2007) isso se dá pela necessidade de assemelhar a prática educativa das relações familiares em que sejam pautadas no afeto e confiança. Lindinha trata da questão do afeto em que em momentos de sua graduação se sentiu inferiorizada e uma determinada professora lhe serviu de exemplo para seguir a carreira e assim mudar a sua realidade

(essa situação) fez com que eu me espelhasse em algumas figuras como essa professora da universidade que me mostrou a possibilidade de ter uma vida transformada pela educação.

(83) 3322.3222

contato@fipedbrasil.com.br

www.fipedbrasil.com.br

A desigualdade no contexto educacional se encontra no acesso a educação, à escolha do curso e ao salário. No que concerne ao acesso, trata-se das experiências acerca das relações sociais, no que se refere à escolha, fala-se dos cursos tidos como femininos e de mais fácil ingresso e, no tocante ao salário, por maior que seja o grau de instrução, continuam recebendo menos que as mulheres brancas, homens brancos e negros, inclusive quando chegam a cargos de chefia (BONETTI; ABREU, 2011). Assim, é possível ter uma visão mínima acerca do quão difícil pode ser a vida profissional, na carreira de docente, de mulheres negras, “a questão de gênero é, em si, um complicador, mas, quando somada à da raça, significa as maiores dificuldades para os seus agentes” (CRISOSTOMO; REIGOTA, 2010, p. 97).

As informantes Docinho e Lindinha exprimem essa dificuldade, acima citada, evidenciada em suas falas

O ser mulher já é difícil, né? Por incrível que pareça a educação ser ocupada predominantemente pelas mulheres, as mulheres são discriminadas dentro da educação, há uma tendência de maior respeitabilidade pelos homens e há também a ter uma tendência de respeitabilidade maior pelas mulheres, eu observo na universidade, quando elas tem comportamentos similares aos dos homens, fechados, marrentos, mais distantes assim, e isso dá um certo grau de respeitabilidade e as mulheres são consideradas aquelas mais amorosas, mais maternais, quando elas fogem disso, elas são odiadas (Docinho)

E,

eu sei que o teu tema tá falando da questão de ser negra, mas foi muito mais do que isso, foi ser negra, foi a questão socioeconômica, foi o fato de vir da zona rural pra zona urbana, então imagina junta tudo isso e aumenta bastante e aí você vai ver que é muito complicado, mas eu consegui (Lindinha)

Universidade que é o espaço de inúmeras trocas, além da de conhecimento. É um ambiente formativo em que é permitida uma mudança de mentalidades, formando sujeitos críticos e reflexivos. Modificando a relação de dominação e opressão vigente, em que a ausência da educação, propriamente dita, aprisiona, já a sua presença liberta, pois "se a educação sozinha não pode transformar a sociedade, tampouco sem ela a sociedade muda." (FREIRE, 2000, p. 31). Por isso, a educação deve ofertar um rompimento com o discurso homogeneizante através de uma alteração no pensar e no agir quando se debate relações de raça e de gênero em um contexto educacional (GOMES, 1996). Florzinha e Lindinha abordam justamente a universidade, mais especificamente o papel da mulher negra nela

(83) 3322.3222

contato@fipedbrasil.com.br

www.fipedbrasil.com.br

A mulher negra na universidade, ela tem um papel muito importante, embora se reconheça que muitas ainda não se aperceberam desse papel, principalmente da responsabilidade de mostrar a posição do negro na universidade, que não é uma coisa fácil, o acesso não é fácil, a permanência não é fácil, é, o país que se diz democrático, com uma democracia racial, a gente sabe que isso não existe, ainda há muita discriminação.(Florzinha)

E,

A gente sabe que existe uma certa concepção de como tem que ser professor universitário, na cabeça das pessoas, é um professor com mais idade, é um professor com uma determinada, vamos dizer assim, “aparência”, a gente sabe que tem muito isso. E quando eu comecei a dar aula, eu digo que eu aprendi desde cedo uma palavra que sempre foi muito forte na minha vida: “resiliência”. Eu aprendi muito cedo que eu precisava ser resiliente por muitas dificuldades que eu passei. (Lindinha)

É imprescindível esclarecer que utilizei-me do conceito de raça seguindo uma definição do próprio IBGE, em que de acordo com Osorio (2003) “a classificação racial é entendida como o conjunto de categorias em que os sujeitos da classificação podem ser enquadrados” (p.10), categoria esta que pode ser denominada de cor propriamente dita ou também de raça e necessita de uma autodefinição, na qual é o indivíduo quem se diz ser pertencente, podendo escolher uma entre quatro: branca, preta, amarela, parda e indígena. No decorrer do texto usei em sua maioria palavra “negro”, por uma convenção com o referencial teórico selecionado.

Eu me amo, essa foi a pele que Deus me deu, eu sou apaixonada por mim [...] como me chamam, pra mim, isso não altera absolutamente nada [...] pra você ser aceito socialmente você precisa se aceitar na condição que você tem, eu sou negra, pra que eu vou fingir que sou branca? Por que eu vou imitar um padrão social que não me permite, que não sou eu? Você tem que se amar muito, você tem que se sentir seguro. (Docinho)

Portanto, o presente trabalho versou acerca de inúmeras questões, dentre elas a que mais ganhou destaque foi a racial. Ênfase, essa dada pelas próprias falas das informantes. A questão do gênero, em seus discursos, na maioria dos casos era tido como um agravante secundário no que concernia à discriminação. O racismo acabou sendo uma marca carimbada nas vidas das professoras, mesmo que seja combatido todos os dias, ele inegavelmente existe e muitas vezes a sua existência ocasiona a constituição de uma resistência até então desconhecida e fazem dele uma forma de não acatar todas as estigmatizações historicamente impostas.

Palavras Finais

Na contemporaneidade ainda se percebe entranhada na ideologia e no ideário brasileiro a condição subalterna designada à pessoas com a cor da pele diferente das tida como padrão

(82) 3322 3322
contato@fipedbrasil.com.br

www.fipedbrasil.com.br

mediático-europeu, enfatizando-se nas mulheres, fazendo com que estejam sujeitas ao preconceitos em suas mais variadas formas e proporções. Os sujeitos dessa pesquisa detêm a possibilidade não aceitar o papel que historicamente lhes é imposto, que vai muito além da mera condição econômica e cultural, chegando a ser uma relação de supremacia do gênero masculino e da cor branca. São capazes de realizar uma transformação da realidade através da educação. Em decorrência disso, o presente trabalho discutiu a relação do gênero e raça em um ambiente de educação de nível superior. Mostrando essa discussão a partir da ótica de indivíduos que possuem a capacidade e a oportunidade de fazer a diferença na desconstrução de pensamentos retrógrados, racistas e misóginos.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin; JOVCHELOVITCH, Sandra. Entrevista Narrativa. In: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 90-113.

IBGE. **Síntese de Indicadores Sociais**: Uma análise das condições de vida da população brasileira. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE: Rio de Janeiro, 2015.

OSORIO, Rafael Guerreiro. **O sistema classificatório de “cor ou raça” do IBGE**. Brasília, 2003.

BONETTI, Alinne de Lima; ABREU, Maria Aparecida A. **Faces da desigualdade de gênero e raça no Brasil**. Ipea, 2011.

CRISOSTOMO, Maria Aparecida dos Santos; REIGOTA, Marcos Antônio dos Santos. Professoras universitárias negras: trajetórias e narrativas. **Avaliação**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 93-106, jul. 2010.

DOMINGUES, Petrônio. Ações afirmativas para negros no Brasil: O início de uma reparação histórica. **Espaço aberto**, maio/ ago, 2005. Nº 29.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação**: Cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Unesp, 2000.

GOMES, Nilma Lino. Educação, raça e gênero: relações imersas na alteridade. **XX Reunião Brasileira de Antropologia e I Conferência: Relações Étnicas e Raciais na América Latina e Caribe**, 1996.

LOURO, Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**. Uma perspectiva pós-estruturalista. 9. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

SCOTT, Joan. **O enigma da igualdade**. Tradução por Estudos Feministas. Florianópolis, jan-abr, 1999.

(83) 3322.3222

contato@fipedbrasil.com.br

www.fipedbrasil.com.br